

## Le temps retrouvé

as variantes nas edições de um manuscrito publicado

Henriete Karam\*  
Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul.  
E-mail: [h.karam@terra.com.br](mailto:h.karam@terra.com.br)

### 1 Introdução

Ao ministrar a disciplina Temas e Teorias da Crítica Literária para turmas de graduação, eu costumo utilizar a tríade autor-obra-leitor como ponto de partida para que os alunos identifiquem qual destes elementos do fenômeno literário é privilegiado por cada uma das diferentes teorias do final do séc. XIX e do séc. XX.

A cada semestre, ao abordar a crítica genética, me é dado verificar a facilidade com que os alunos se equivocam ao considerar que o estudo da gênese de uma obra literária, por ter como objeto o processo de criação, vincula-se exclusivamente ao autor, sem conseguirem – de imediato – reconhecer que, como as investigações sobre tal processo abarcam a (re)construção da obra, elas podem ser essenciais para o estabelecimento do texto que chegará às mãos do leitor.

Paradigmático, neste sentido, é o caso de *À la recherche du temps perdu* (RTP), especialmente no que se refere aos três romances publicados após a morte de Marcel Proust.

### 2 O manuscrito proustiano e suas edições

Na primavera de 1922, M. Proust escreve a palavra *Fin* no último dos vinte cadernos do manuscrito que contém *Sodoma e Gomorra*, *A prisioneira*, *A fugitiva* e *O tempo redescoberto*, mas isto não significa o término ou a conclusão do processo de escrita. De fato, a morte de M. Proust poucos meses depois, em novembro do mesmo ano, impediu a revisão dos três últimos romances e, conseqüentemente, a realização dos incontáveis ajustes – alterações, acréscimos e supressões – que, de hábito, ele costumava efetuar seja nas transcrições datilográficas, seja nas provas tipográficas.

É Robert Proust – irmão do escritor – quem, com a ajuda de Jacques Rivière, prepara o material para a publicação de *La prisonnière* (1923), de *Albertine disparue* (1925) e de *Le temps retrouvé* (1927). Os manuscritos dos dois primeiros já tinham sido datilografados por ordem de M. Proust, o que facilitava o trabalho; mas, para a edição de *Le temps retrouvé*, Robert Proust só dispunha dos seis cadernos de manuscrito, repletos de supressões, acréscimos e substituições, sem contar as inúmeras *paperoles* coladas em suas páginas. Na sua tentativa de dar maior coerência ao texto, Robert Proust deslocou alguns parágrafos, acréscimos marginais e fragmentos contidos nas *paperoles*, alterando a ordem em que apareciam nos cadernos e excluiu alguns trechos que abordam a homossexualidade e a guerra, além de criar a divisão em capítulos.<sup>1</sup> De fato, embora se reconheça o esforço despendido pelo irmão do escritor para a publicação do último volume – que vinha sendo anunciado desde 1913 –, *Le temps retrouvé* é um texto inacabado, e o que temos nas diversas edições publicadas são versões do manuscrito deixado por M. Proust.

Isto colabora para que muitos dos estudiosos da obra proustiana tenham se dedicado ou se dediquem ao exame dos documentos que se encontram no Fonds Marcel Proust da Biblioteca

<sup>1</sup> Os capítulos são «Tansonville»; «M. de Charlus pedant la guerre, ses opinions, ses plaisirs»; e «Matinée chez la Princesse de Guermantes».

Nacional da França (BnF)<sup>2</sup> e que formam a intrincada teia da escrita e reescritas de *À la recherche du temps perdu*.

Na medida em que M. Proust se tornou um autor consagrado, tendo recebido o prêmio Goncourt em 1919, os colecionadores começaram a manifestar interesse em adquirir seus manuscritos. A proposta de Jacques Doucet é rejeitada pelo próprio M. Proust, ao saber da intenção de Doucet de legar sua biblioteca ao estado; e, em carta dirigida a Sydney Schiff, ele expressa a razão de sua recusa:

Ora, não me agrada muito a ideia de que qualquer um (se ainda houver interesse por meus livros) possa compulsar meus manuscritos, compará-los com o texto definitivo, criar por indução hipóteses que sempre serão falsas sobre minha maneira de trabalhar, sobre a evolução do meu pensamento, etc.<sup>3</sup>

No entanto, a parte os receios do autor da *RTP*, hoje se pode dizer que o desenvolvimento da crítica genética e o trabalho dos geneticistas têm sido essencial na tentativa de elucidar sejam as etapas da redação, sejam os diferentes estágios do projeto da obra, resultando em dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos publicados em revistas especializadas.<sup>4</sup>

No mesmo sentido, nestes 90 anos desde a morte de M. Proust, a editora Gallimard tem se esforçado por publicar em suas edições um texto que seja o mais fiel possível ao que teria sido concebido pelo autor em seu projeto final. Em 1954, a Gallimard lançou a primeira edição crítica da *RTP*, que ficou as cuidados de Pierre Clarac e André Ferre; e, em 1989, vem a público o texto estabelecido sob a direção de J.-Y. Tadié.

No Brasil, a editora Globo publicou sua primeira edição de *Em busca do tempo perdido* no final da década de 1940 e início da década de 1950, reunindo como tradutores Mario Quintana (*No caminho de Swann, À sombra das raparigas em flor, O caminho de Guermantes e Sodoma e Gomorra*), Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar (*A prisioneira*), Carlos Drummond de Andrade (*A fugitiva*) e Lúcia Muguel Pereira (*O tempo redescoberto*), e edições posteriores tiveram a revisão crítica de Olgária Chaim Féres Matos e Maria Lúcia Machado, mas sem alterações substanciais no texto.

Após a Ediouro ter lançado, em 1992, a tradução de Fernando Py, que tem como texto-base a atual edição da Gallimard, de 1989, a Globo Livros dá andamento ao seu projeto de reedição de *Em busca do tempo perdido* – que ficou ao encargo de Guilherme Ignácio da Silva –, com o objetivo de incorporar os acréscimos e indicar as alterações que constam nesta edição da Gallimard e que são expressivas sobretudo nos três últimos romances, por se tratarem de publicações póstumas, bem como de introduzir notas explicativas para os leitores iniciantes.

A possibilidade de o texto que chega às mãos do leitor corresponder ao que hoje se considera sua versão definitiva só é realizável mediante o exame minucioso dos manuscritos e comprova a importância dos estudos da crítica genética, na medida em que, ao elucidar o processo de criação, tais estudos colaboram para o estabelecimento do texto que será lido pelo público.

Certamente é difícil para o leitor – sobretudo se for leigo – avaliar tal importância, mas ela se torna visível quando se fornecem alguns subsídios numéricos e materiais: por exemplo, ao se comparar as diferentes edições que foram publicadas e que hoje se encontram disponíveis no mercado de livros novos e usados.

<sup>2</sup> Desta vasta documentação – que abarca 75 cadernos de rascunho, 20 cadernos de manuscrito, 4 cadernetas de notas, diversos volumes de datilografias, de placards e de provas corrigidas, folhas soltas e “relicários” com folhas arrancadas dos cadernos, além dos textos escritos na juventude – encontram-se disponibilizadas, no site da BnF, as imagens dos cadernos de esboço e de manuscrito.

<sup>3</sup> PROUST, Marcel. *Correspondance générale* 3. Paris: Plon, 1932, p. 51.

<sup>4</sup> No Brasil, o centro de referência é o Laboratório do Manuscrito Literário (LML). Fundado por Philippe Willemart em 1985 e, hoje, vinculado ao Núcleo de Apoio à Pesquisa em Crítica Genética da USP, o LML mantém convênio, desde 1987, com o Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM-CNRS), e seus membros participam do projeto Brépols, que reúne um grupo internacional de pesquisadores com o objetivo de publicar os cadernos proustianos.

### 3 A importância do manuscrito na elaboração de uma edição crítica

Se, a elaboração da edição crítica de um texto literário requer, por si só, profundo conhecimento da obra e de seu contexto, envolvendo a coleta e o estudo do material que compõe tanto a sua tradição direta – os manuscritos autógrafos ou apógrafos, assim como as edições publicadas em vida do autor ou postumamente – quanto a sua tradição indireta – fontes, traduções, citações, comentários, alusões, imitações... –, tal tarefa torna-se ainda mais árdua, e proporcionalmente também mais prazerosa, quando se trata de um texto tão complexo como *Le temps retrouvé*.

Uma das etapas do trabalho de revisão técnica – realizada em parceria com Guilherme Ignácio da Silva e Regina Campos – na preparação da nova edição da editora Globo de *O tempo redescoberto* foi o cotejamento do texto apresentado na edição da Gallimard de 1927,<sup>5</sup> utilizado na tradução da Globo editada a partir de 1948, com o texto da edição de 1989, estabelecido por J.-Y. Tadié.<sup>6</sup>

Este cotejamento – cujos resultados a serem apresentados aqui são meramente ilustrativos – possibilitou elaborar uma tipologia das variantes textuais e, embora constitua uma atividade pertinente à esfera da crítica textual, vem colaborar para que se demonstrem em que medida e proporção os resultados obtidos nos estudos dos manuscritos proustianos, ao elucidarem o processo de criação, determinam alterações no texto publicado.

As variantes identificadas, que se justificam, de um lado, pelo processo proustiano de criação e, de outro, pelo fato de se tratar – como já salientado – de um texto inacabado e de suas provas não terem sido revistas pelo autor, podem ser reunidas em três grandes categorias:

1. *aspectos formais*, que compreende a presença ou não de títulos, a paragrafação e o emprego de pontuação e de letras maiúsculas;
2. *alterações textuais*, que envolvem exclusões, inclusões e trocas de palavras ou expressões; e
3. *transposições textuais*, que remetem ao deslocamento de trecho ou de frase dentro do mesmo parágrafo e ao deslocamento de parágrafo ou de sequência de parágrafos.

Excluindo aquelas relativas a aspectos formais, por serem menos significativas no processo de criação – embora seja necessário destacar o quanto podem ser expressivas, do ponto de vista semântico, sintático e discursivo, as substituições de pontos de interrogação ou de exclamação por ponto final, bem como a substituição da letra inicial maiúscula por letra minúscula, que elimina o destaque pretendido pelo autor –, iremos nos concentrar nas alterações e transposições textuais.

Numericamente, se considerados os 459 parágrafos da edição de 1989, só não houve alteração ou transposição em 185 deles, ou seja, 274 parágrafos do texto sofreram algum destes tipos de modificação. Os deslocamentos de frases dentro do mesmo parágrafo ocorreram em seis blocos do texto; e são 46 as ocorrências em que se verificou nova alocação de parágrafos ou de sequência de parágrafos. As inclusões mais significativas em termos de extensão, quando somadas, ultrapassam o número de 27 mil caracteres com espaços – o que corresponde a, aproximadamente, 13 páginas de texto –; já as exclusões totalizaram em torno de 9 mil caracteres com espaço.

Materialmente, tanto as alterações quanto as transposições textuais produzem, por óbvio, efeitos no processo de leitura.

As exclusões realizadas na edição de 1989 resultam da eliminação de trechos semelhantes ou que apareciam duplicados nos manuscritos devido ao próprio processo proustiano de reescrita. Veja-se, por exemplo, os dois fragmentos abaixo, que constavam na edição da Gallimard de 1927, sendo que apenas o da direita permaneceu na edição de 1989:

<sup>5</sup> PROUST, Marcel. *Le temps retrouvé*. In: PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. 11. ed. Paris: Gallimard, 1927. (Éditions de La Nouvelle Revue Française). t. VIII. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/dossiers/html/dossiers/Proust/>>.

<sup>6</sup> PROUST, Marcel. *Le temps retrouvé*. In: PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. Texte établi sous la direction de Jean-Yves Tadié. Paris: Gallimard, 2002. (Bibliothèque de la Pléiade). 1 v. p. 2129-2401.

Quadro 1: Fragmentos 1 e 2.

La littérature qui se contente de “décrire les choses”, de donner un misérable relevé de leurs lignes et de leur surface est malgré sa prétention réaliste la plus éloignée de la réalité, celle qui nous appauvrit et nous attriste le plus ne parla-t-elle que de gloire et de grandeurs, car elle coupe brusquement toute communication de notre moi présent avec le passé dont les choses gardent l'essence, et l'avenir où elles nous incitent à le goûter encore.	De sorte que la littérature qui se contente de “décrire les choses”, d'en donner seulement un misérable relevé de lignes et de surfaces, est celle qui tout en s'appelant réaliste est la plus éloignée de la réalité, celle qui nous appauvrit et nous attriste le plus, car elle coupe brusquement toute communication de notre moi présent avec le passé dont les choses gardaient l'essence et l'avenir, où elles nous incitent à le goûter de nouveau.
---	---

O fragmento da coluna da esquerda pode ser visualizado no trecho demarcado pela linha vermelha nas Figuras 1 e 2, em que estão reproduzidos, parcialmente, os fólhos 9<sup>o</sup> e 10<sup>o</sup> do Cahier XIX (NAF 16726); e o da coluna da direita, na Figura 3, que é uma reprodução parcial de paperole do fólho 8<sup>o</sup>, também do Cahier XIX.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Todas as imagens foram retiradas do site da Gallica: <<http://gallica.bnf.fr>>.

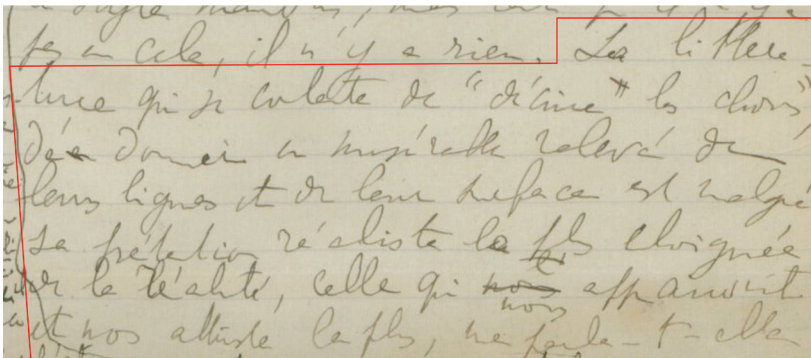


Figura 1: NAF 16726, vista parcial do fólho 9<sup>o</sup>.

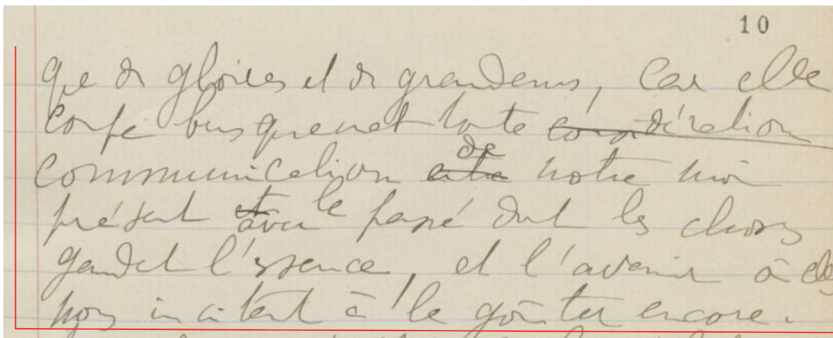


Figura 2: NAF 16726, vista parcial do fólho 10<sup>o</sup>.

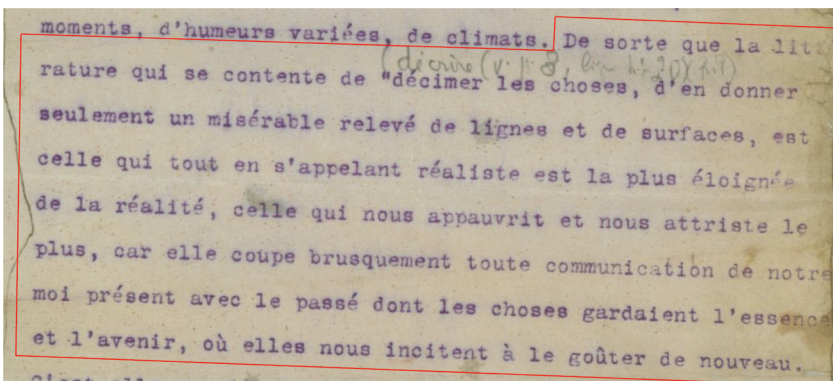


Figura 3: NAF 16726, vista parcial de paperole do fólho 8<sup>o</sup>.

Em outras situações, trata-se da exclusão, na edição de 1989, de trechos que não constam no manuscrito e que teriam sido acrescentados por Robert Proust na edição de 1927, possivelmente com a intenção de situar o leitor na sequência narrativa – tendo em vista as interpolações e digressões do narrador –, como ocorre no seguinte fragmento:

Quadro 2: Fragmentos 3 e 4.

Edição de 1927	Edição de 1989
Tout en me rappelant la visite de Saint-Loup j'avais marché, puis pour aller chez Mme Verdurin, fait un long crochet; j'étais presque au pont des Invalides.	Tout en me rappelant ainsi la visite de Saint-Loup, j'avais marché, fait un trop long crochet; j'étais presque au pont des Invalides.

Como se pode constatar na Figura 4, em que se tem a reprodução parcial da paperole apensada ao fólio 38 rº do Cahier XVII (NAF 16724), o trecho grafado em itálico no quadro acima e que foi incluído na edição de 1927 não consta no manuscrito, tendo sido eliminado na edição de 1989.

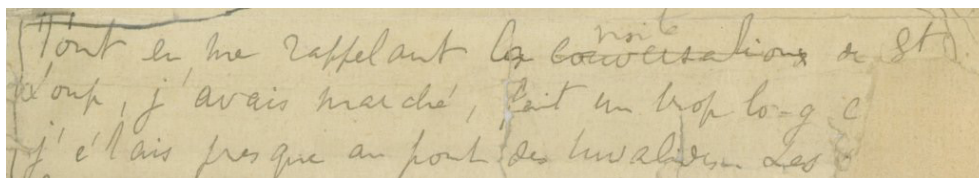


Figura 4: NAF 16724, vista parcial da paperole do fólio 38 rº.

As inclusões que ocorreram na edição de 1989, por sua vez, compreendem tanto acréscimos marginais ou nas *paperoles*, que Proust ia apondo ao texto – e cuja extensão é bastante variável –, quanto trechos que haviam sido eliminados por Robert Proust. Há casos em que, na edição de 1989, foram incluídos grandes blocos de texto que não constavam na edição de 1927, tendo o mais extenso deles 11 parágrafos, nos quais o narrador ressalta o vício hereditário e a coragem de Saint-Loup, tecendo considerações sobre o ideal de virilidade dos homossexuais. Entretanto, mesmo o acréscimo de uma ou de poucas palavras pode ser significativo, como ocorre nos trechos apresentados no quadro abaixo:

Quadro 3: Fragmentos 5 e 6.

Edição de 1927	Edição de 1989
la vraie vie, la vie enfin découverte et éclaircie, la seule vie par conséquent réellement vécue, cette vie qui en un sens, habite à chaque instant chez tous les hommes aussi bien que chez l'artiste.	La vraie vie, la vie enfin découverte et éclaircie, la seule vie par conséquent <i>pleinement</i> vécue, c'est la littérature. Cette vie qui, en un sens, habite à chaque instant chez tous les hommes aussi bien que chez l'artiste.

Na Figura 5, reproduzimos a imagem parcial do fólio 15 rº, Cahier XIX (NAF 16726), onde se encontram circuladas por linha vermelha as palavras grifadas nos trechos transcritos no Quadro 3.

Já as trocas foram realizadas, na maioria das vezes, em prol da correspondência entre o manuscrito e o texto a ser publicado e resultam ora de pequenas rasuras a que os editores de 1927 não atentaram, ora da dificuldade em decifrar a caligrafia de Proust. Para ilustrar este segundo caso, além da substituição que se visualiza no quadro acima – onde a palavra *pleinement*, que consta sem qualquer rasura no manuscrito, foi lida pelos editores de

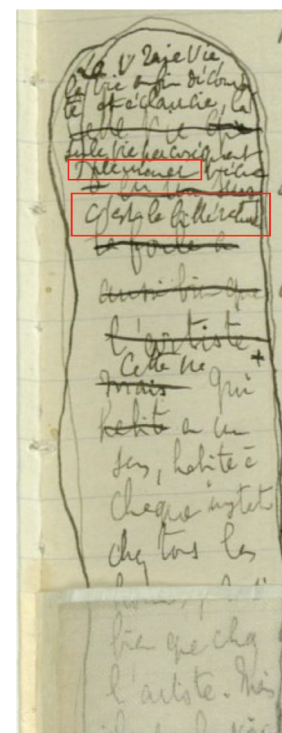


Figura 5: NAF 16726, vista parcial de acréscimo marginal do fólio 15 rº.

1927 como sendo *réellement*, sendo retificada na edição de 1989 –, podemos destacar as seguintes situações:

Quadro 4: Fragmentos 7 a 12.

Edição de 1927	Edição de 1989
Je me disais que si elle mourait, ou si je ne l'aimais plus, tous ceux qui eussent pu me rapprocher d'elle tomberaient à mes pieds.	Je me disais que si elle mourait, ou si je ne l'aimais plus, tous ceux qui eussent pu me rapprocher d'elle tomberaient à mes yeux.
Mais j'étais incapable de voir ce dont le désir n'avait pas été éveillé en moi par quelque lecture, ce dont je n'avais pas d'avance désiré moi-même le croquis que je désirais ensuite confronter avec la réalité.	Mais j'étais incapable de voir ce dont le désir n'avait pas été éveillé en moi par quelque lecture, ce dont je n'avais pas d'avance <i>dessiné</i> moi-même le croquis que je désirais ensuite confronter avec la réalité.
Par les qualités du mari, sans doute quelque chose de celles que lui reconnaissait sa nièce, quand elle le trouvait le mieux de la famille.	Par les qualités du mari, sans doute quelque chose de celles que lui reconnaissait sa <i>mère</i> , quand elle le trouvait le mieux de la famille.

As Figuras 6, 7 e 8 reproduzem imagens parciais dos fólhos do manuscrito em que se encontram os três casos citados no quadro acima, tendo sido circuladas em linha vermelha as palavras que nele estão em itálico.

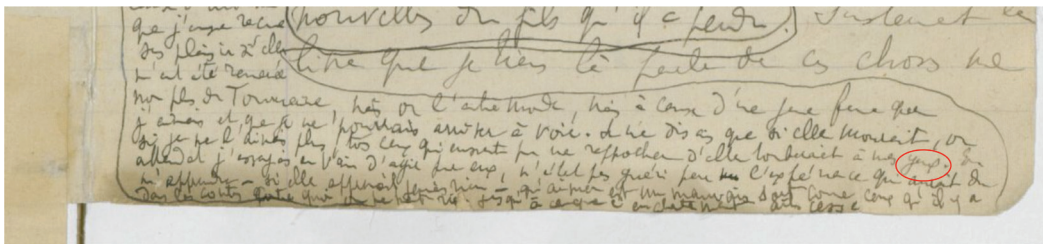


Figura 6: NAF 16722 (Cahier XV), vista parcial do fólho 86 rº.

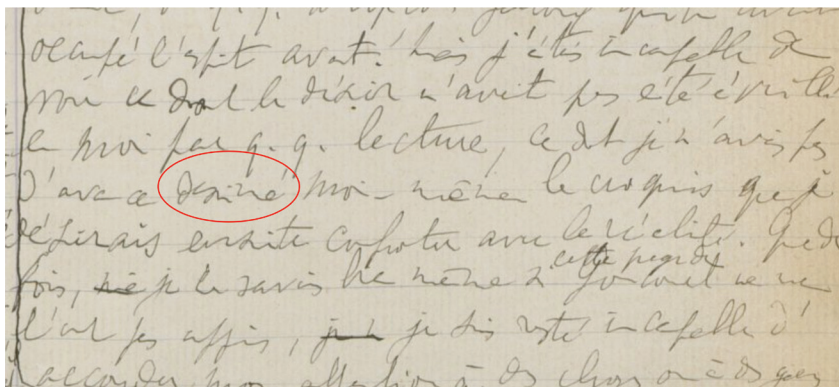


Figura 7: NAF 16722 (Cahier XV), vista parcial do fólho 92 rº.

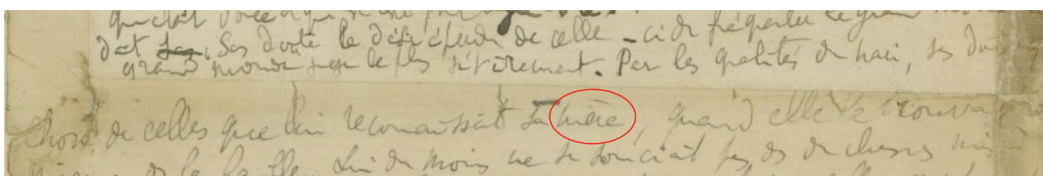


Figura 8: NAF 16724 (Cahier XVII), vista parcial do fólho 5 rº.

Há, entretanto, casos em que as trocas realizadas na edição de 1989 consistem em correções que certamente teriam sido realizadas por M. Proust, caso ele tivesse tal oportunidade, e que resultam do fato de que *Combray* e a recepção da princesa de Guermantes – o primeiro e o último capítulo da *Recherche* – haverem sido concebidos simultaneamente.<sup>8</sup> Tais casos dizem respeito, basicamente, aos nomes de personagens que a edição de 1989 corrigiu, sendo o exemplo mais significativo o das substituições de Marie Sosthènes – prenome inicialmente atribuído à duquesa de Guermantes – por Oriane, como apresentado no quadro abaixo:

Quadro 5: Fragmentos 13 e 14.

Edição de 1927	Edição de 1989
<p>«Est-ce même la peine d'inviter <i>Marie Sosthènes</i>, elle ne viendra pas. Enfin pour la forme, mais il ne faut pas se faire d'illusions». Et si vers 10 h. 1/2, dans une toilette éclatante, paraissant, de ses yeux durs pour elles, mépriser toutes ses cousines, entraît <i>Marie Sosthènes</i> qui s'arrêtait sur le seuil avec une sorte de majestueux dédain, et si elle restait une heure, c'était une plus grande fête pour la vieille grande dame qui donnait la soirée qu'autrefois pour un directeur de théâtre que Sarah Bernhardt qui avait vaguement promis un concours sur lequel on ne comptait pas, fût venue et eût, avec une complaisance et une simplicité infinies, récitée au lieu du morceau promis, vingt autres. La présence de <i>Marie Sosthènes</i> à laquelle les chefs de cabinet parlaient de haut en bas et qui n'en continuait pas moins (l'esprit mène ainsi le monde) à chercher à en connaître de plus en plus, venait de classer la soirée de la douairière, où il n'y avait pourtant que des femmes excessivement chic, en dehors et au dessus de toutes les autres soirées de douairières de la même «season» (comme aurait encore dit Mme de Forcheville) mais pour lesquelles soirées ne s'était pas dérangée <i>Marie Sosthènes</i> qui était une des femmes les plus élégantes du jour.</p>	<p>«Est-ce même la peine d'inviter <i>Oriane</i>? Elle ne viendra pas. Enfin pour la forme, mais il ne faut pas se faire d'illusions.» Et si, vers 10 heures et demie, dans une toilette éclatante, paraissant, de ses yeux, durs pour elles, mépriser toutes ses cousines, entraît <i>Oriane</i> qui s'arrêtait sur le seuil avec une sorte de majestueux dédain, et si elle restait une heure, c'était une plus grande fête pour la vieille grande dame qui donnait la soirée qu'autrefois, pour un directeur de théâtre, que Sarah Bernhardt, qui avait vaguement promis un concours sur lequel on ne comptait pas, fût venue et eût, avec une complaisance et une simplicité infinies, récitée au lieu du morceau promis vingt autres. La présence de cette <i>Oriane</i>, à laquelle les chefs de cabinet parlaient de haut en bas et qui n'en continuait pas moins (l'esprit mène le monde) à chercher à en connaître de plus en plus, venait de classer la soirée de la douairière, où il n'y avait pourtant que des femmes excessivement chic, en dehors et au-dessus de toutes les autres soirées de douairières de la même «season» (comme aurait dit encore Mme de Forcheville), mais pour lesquelles soirées ne s'était pas dérangée <i>Oriane</i>.</p>

<sup>8</sup> Conforme J.-Y. Tadié (TADIÉ, Jean-Yves. *Marcel Proust: biographie*. Paris: Gallimard, 1996. 2. v.; TADIÉ, Jean-Yves. *Proust et le roman*. Paris: Gallimard, 2003.), Proust sempre afirmou que o início e o fim da *Recherche* haviam sido escritos concomitantemente.

Na Figura 9, pode-se visualizar imagem parcial do fôlio, onde foram sublinhadas as alusões à duquesa de Guermantes e no qual não consta a última oração que, tendo sido incluída na edição de 1927, foi eliminada da edição de 1989.

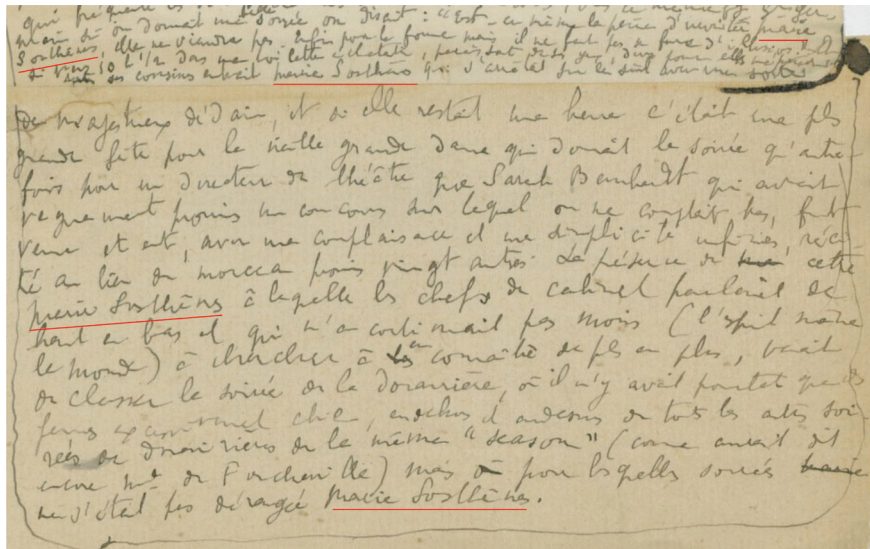


Figura 9: NAF 16727 (Cahier XX), vista parcial do fólio 37 r.º.

Já as transposições textuais são um caso a parte, pois têm consequências na própria sequência narrativa, especialmente quando, além de seu número ser expressivo, trata-se do deslocamento de longos trechos de texto para muito antes ou depois do local em que se encontravam, quer em outra edição, quer no próprio manuscrito.

Ao examinarmos as transposições efetuadas na edição de 1989, observa-se que os deslocamentos de parágrafos eliminam, muitas vezes, situações em que o texto se apresentava truncado ou em que se efetuavam rupturas e retomadas imprevistas – como ocorre, sobretudo, nos trechos em que o narrador relata sua conversa com Gilberte, na recepção dos Guermantes, e quando ele analisa as mudanças operadas nos convidados –, o que indica serem decorrentes de um minucioso estudo do manuscrito, embora isto não significa que elas também não sejam arbitrárias.

#### 4 Considerações finais

Diante do exposto aqui, meus alunos de graduação, assim como qualquer leitor, poderiam perguntar qual seria a edição mais fidedigna, e a única resposta que eu poderia lhes oferecer é que nada assegura que a disposição apresentada – quer na edição de 1927, quer na de 1989 – corresponda exatamente à vontade última do autor. De fato, qualquer edição dos três últimos romances, e em especial de *Le temps retrouvé*, constitui uma versão possível de um texto inacabado e se sustenta na interpretação que for atribuída ao manuscrito deixado pelo autor.

E é justamente por isso que o trabalho de decifrar, ordenar, diagramar e analisar os manuscritos de Marcel Proust continua sendo um desafio que compete, mais do que a qualquer outra sub-área dos estudos literários, à crítica genética enfrentar.

Este árduo trabalho – uma espécie de escavação do subterrâneo do texto – é desconhecido da grande maioria dos leitores, que dele usufruem sem sequer suspeitar e que podem se deleitar com o exemplar que lhes chega às mãos, pois, se há algo inquestionável, é justamente o valor estético da obra de M. Proust.

Já para os geneticistas – especialmente para os que são especialistas em M. Proust – a questão que se coloca é a necessidade e a pertinência de, paralelamente ao estudo dos manuscritos, considerar a própria gênese editorial da obra, o que, sem dúvida alguma, amplia ainda mais o campo das investigações na área da crítica genética.



## *Referências*

- PROUST, Marcel. *Correspondance générale* 3. Paris: Plon, 1932.
- PROUST, Marcel. Le temps retrouvé. In: Proust, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. 11. ed. Paris: Gallimard, 1927. (Éditions de La Nouvelle Revue Française). t. VIII. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/dossiers/html/dossiers/Proust/>>. Acesso em: 22 set. 2011.
- PROUST, Marcel. Le temps retrouvé. In: Proust, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. Texte établi sous la direction de Jean-Yves Tadié. Paris: Gallimard, 2002. (Bibliothèque de la Pléiade). 1 v. p. 2129-2401.
- TADIÉ, Jean-Yves. *Marcel Proust: biographie*. Paris: Gallimard, 1996. 2 v.
- TADIÉ, Jean-Yves. *Proust et le roman*. Paris: Gallimard, 2003.